

# AS FACES DE EVA - RELATOS DE VIVÊNCIA RELIGIOSA POR MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO

## THE FACES OF EVA - REPORTS ON RELIGIOUS LIVING BY WOMEN IN PROSTITUTION SITUATION

Carlos Antônio Braga de Souza<sup>1</sup>

Isabel Cristina Palumbo<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe contribuir à interface entre estudos de religião e estudos de gênero. Foi resultado da disciplina *Gênero: uma questão incômoda à ciência da religião*, lecionada pela Professora Maria José Rosado. Sob essa inspiração criamos um espaço de convivência chamado *Faces de Eva*, cujo objetivo era compreender como a religião é uma necessidade que as mulheres em situação de prostituição encontram para ressignificar sua espiritualidade, sobretudo pela extrema exclusão social em que vivem. A criação do espaço de convivência *Faces de Eva*, localizado às proximidades da Avenida Indianópolis, teve duração de dois anos e meio, oferecendo cursos de arte, defesa pessoal e línguas estrangeiras, além de promover que as mulheres se reconhecessem umas nas falas das outras. O deslocamento da família nuclear e da religião de origem aponta para o trânsito religioso. Neste caso, adota o cristianismo, subvertendo-o no sincretismo próprio da cultura brasileira. Isso explica o reconhecimento da Pombagira como aliada espiritual, pois é entidade da religiosidade brasileira que adequa a promoção do amor sexual ao fascínio do dinheiro.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidade

**Abstract:** This article proposes to contribute to the interface between religion studies and gender studies. It was a result of the discipline *Gender: an uncomfortable question to the science of religion*, taught by female Professor Maria José Rosado. Under this inspiration created a space of coexistence called Faces of Eve, whose objective is understand how religion is a necessity that women in prostitution find to resignify their spirituality, especially by the social exclusion imposed on them. The creation of the Faces de Eva living space, located near Indianópolis Avenue, lasted two and a half years, offering courses in

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da religião (PUC-SP). Mestre em comunicação (UNESP-Bauru), Professor da Universidade Federal do Para (UFPA). E-mail: desouza@ufpa.br.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Religião da PUC/SP. Professora da Universidade de Santo Amaro (UNISA). E-mail: bel.cri@ig.com.br.

art, self-defense and foreign languages, in addition to promoting that women recognize themselves in the speech of others. The displacement of origins, both familial and religious, points out that the religious transit adopts Christianity, subverting it to the syncretism of Brazilian culture. This explains the recognition of Pombagira, providing sexual love and fascination for money.

**Keywords:** Genre; Sexuality

## **Introdução**

Sob a inspiração da Professora Maria José Rosado Nunes<sup>3</sup>, sentimos a necessidade de contribuir à interface religião e gênero, sobretudo considerando a pouca interação acadêmica entre estas duas categorias.

*Pesquisadoras da temática gênero e religião apontam para o difícil encontro dos Estudos de Gênero com aqueles realizados na área das Ciências da Religião. Sublinham que estados da arte sobre a produção brasileira relativa às religiões não mencionam a temática de gênero ou feminismo enquanto, de modo similar, os balanços na área de estudos de gênero deixam de contemplar a produção acadêmica no campo das Ciências da Religião (ROSADO et ali, 2015, p 291).*

Nessa perspectiva, criamos um grupo de convivência<sup>4</sup> para um determinado número de profissionais do sexo<sup>5</sup> da Avenida Indianópolis, cujo objetivo principal foi compreender a maneira como cada uma dessas mulheres<sup>6</sup> vivenciava a espiritualidade e respectiva religiosidade. O objetivo secundário era oferecer àquelas mulheres, atividades que possibilitassem um autoconhecimento através de oficinas de desenho, pinturas, artesanato e

---

<sup>3</sup> A necessidade em criar esse grupo veio como consequência da disciplina *Gênero: uma questão incomoda à ciência da religião*, ministrada no primeiro semestre de 2014. A disciplina possibilitou uma incursão no campo e na aplicação de metodologia estudos de caso que pontuasse a vivência religiosa pelas mulheres em situação de prostituição, possibilitando a interface religião, gênero e sexualidade.

<sup>4</sup> Nominado pela equipe coordenadora como *Faces de Eva*.

<sup>5</sup> As mulheres em situação de prostituição determinaram que gostariam de serem adjetivadas como 'profissionais do sexo'.

<sup>6</sup> De início o grupo era formado por quatro mulheres. No decorrer do projeto, sentiu-se necessidade de acrescentar uma mulher trans. A diferença na denominação é dada pelos clientes que chamam de *meninas* às profissionais do sexo que trabalham durante o dia e de *bonecas* àquelas que trabalham à noite que são em sua maioria mulheres trans.

reiki-terapia e assim, em um espaço de convivência, percebessem como suas histórias de vida eram, muitas vezes, marcadas por semelhanças<sup>7</sup>.

Inicialmente, o grupo era formado por quatro mulheres<sup>8</sup>, que exerciam a prostituição em uma determinada esquina da Avenida Indianópolis. Um dos diferenciais do grupo era que o mesmo não possuía um cafetão<sup>9</sup> que administrasse o *ponto*. No decorrer do processo de convivência, sentimos a necessidade de incluir uma profissional do sexo que fosse mulher trans<sup>10</sup>, para que nossa pesquisa tivesse também uma amostra dessa outra parcela da prostituição da referida avenida.

Havia entre o grupo certa resistência à inclusão de mulheres trans profissionais do sexo, pois relatos apontavam quanto estas poderiam ser extremamente violentas<sup>11</sup>. Então houve uma preocupação que a presença de uma mulher trans criasse uma instabilidade no grupo. Coube à coordenação da equipe desfazer esse preconceito, considerando a necessidade em ampliar o sentido de inclusão, compreendendo que as pessoas não nascem necessariamente violentas, sendo que a agressividade expressa por mulheres trans é uma marcação da exclusão social a que foram submetidas. O risco de matar ou morrer tem sido característica da prostituição de travestis nas ruas de São Paulo e demais capitais e grandes cidades brasileiras.

*No centro de São Paulo, acompanhado de travestis que fazem programas, presenciei por diversas vezes tentativas de furtos, roubos, extorsões. Também observei lutas na rua entre travestis e seus pares por delimitação de território. Quase presenciei um assassinato de uma travesti por um traficante na Rua Epiácio*

---

<sup>7</sup> Todavia considerou-se que também seria útil a essas mulheres - devido à vulnerabilidade de suas atividades profissionais cuja referência espacial é a rua, geralmente das 08 horas da manhã às 18 horas da tarde – noções de defesa pessoal. Outras atividades foram sugeridas pelo próprio grupo de mulheres, como cursos instrumentais de inglês e espanhol - objetivando atender a clientes estrangeiros, sobretudo durante a Copa de 2014, realizada no Brasil -, e o curso de massoterapia, tendo em vista que todas elas narraram a frequência de clientes que as procuravam menos por sexo e mais como alguém para desabafar, sendo que a massoterapia auxiliava nesse processo.

<sup>8</sup> Outras *meninas* daquele determinado *ponto* também foram sondadas. Todavia alegaram não disponibilidade de tempo. Geralmente as prostitutas que declinaram do convite eram bem mais jovens das que optaram em participar do grupo. A decisão pelo dia da semana e horário – sábado entre 12 às 14 horas – foi estipulada pelo próprio grupo de mulheres que alegou ser esse dia e horário o de menor frequência de clientes.

<sup>9</sup> Ato de cafetinar; tornar pública uma mulher privada; agenciar mulheres no ramo sexual; Significado de Cafetão por Felipe Herzog (ES) em 24-06-2008. <http://www.dicionarioinformal.com.br/cafet%C3%A3o/>. Acessado em 23 de março de 2017.

<sup>10</sup> As mulheres trans eram designadas por algumas das demais mulheres do grupo, com adjetivos variados, sendo os mais frequentes os termos como *veados* e *travestis*.

<sup>11</sup> Em um sábado de 2014, no início das oficinas, presenciamos uma briga entre um cliente e um travesti. O rapaz, com idade próxima dos 30 anos, na confusão, foi esfaqueado. Ligamos para o SAMU, que após 20 minutos compareceu ao local, encaminhando o jovem ao hospital mais próximo. Todavia, na mesma noite, o rapaz viria a falecer por hemorragia devido ao ferimento.

*Pessoa. Por alguns dias as marcas de sangue no chão estavam marcando a calçada na altura do meio do quarteirão onde travestis fazem programa* (MARANHÃO, 2014, p.239)

Esse artigo busca revelar, a partir do discurso das mulheres em situação de prostituição, como a prática do comércio do corpo e da sexualidade, não as impede de ter fé, frequentar igrejas e contribuir com o dízimo. De abril de 2014 a agosto de 2016, mantivemos um espaço de convivência próximo à Avenida Indianópolis, oferecendo àquelas mulheres um ambiente onde também pudessem fazer a troca de vestuário, guardar seus pertences, utilizar o banheiro e, principalmente, socializarem-se.

Desde o início da criação do espaço de convivência até meados de 2016, mantivemos um diário onde registramos as falas de cada uma das mulheres, possibilitando que conhecêssemos um pouco de suas histórias de vida, suas fragilidades, forças, tristezas e alegrias, entre outros sentimentos e vivências.

Ao transportar essas vivências às estas páginas, percebemos que a prática religiosa no Brasil é como um dossel referido por Berger (1985), pairando sobre todas as pessoas indistintamente, sendo sua intensidade estabelecida também de acordo com as vicissitudes da vida. Segundo Cunha (2014)

*Mulheres em situação de prostituição com baixa renda, que possuem histórico de pobreza desde a infância. O recorte de classe se faz necessário porque as condições financeiras podem influenciar a vivência religiosa das pessoas. A busca pela religião pode estar relacionada à situação econômica em que vivem, ainda que não exclusivamente.*

Torna-se imperativo citar que estudos feministas (SAKAMOTO et alli, 2013) apontam duas vertentes inconciliáveis quando tratam da questão quanto a quem pertence o corpo da mulher. O Feminismo radical acusa o patriarcado pela exploração sexual das mulheres que seriam vítimas dos homens. Todavia uma ala considerada mais liberal leva em conta a autoderminação sexual das mulheres, ao uso de seu corpo como lhes apraz. Frase emblemática desta tendência é a frase “meu corpo, minhas regras”.

Este artigo desenvolve-se em três momentos. Inicialmente um breve histórico do comércio do sexo na Antiguidade, quando o termo prostituição foi criado. Em seguida o mapeamento da prostituição em São Paulo e algumas especificidades gerais. O terceiro momento detém-se na análise de material de campo levantando através da criação do espaço de convivência *Faces de Eva*.

Este artigo é resultado de nossa trajetória como discentes do programa de Ciências da Religião na PUC-SP, e tem como objetivo geral contribuir à promoção de maior interface entre estudos da religião e estudos de gênero/sexualidade.

## 1 Um breve histórico da prostituição

A palavra prostituição vem do latim *prostituere* e significa **colocar à frente** ou **expor aos olhos** (grifos nossos), o que nos remete ao cotidiano destas profissionais que estão expostas nas esquinas das grandes cidades brasileiras, sendo assim medidas e selecionadas segundo os interesses dos clientes. O comércio do sexo estabelece-se em uma dinâmica cuja produtividade começa no corpo das profissionais do sexo, sendo uma atividade rentável, pois a prostituição é antes de tudo uma atividade lucrativa baseada na exploração sexual de uma pessoa sobre outra (CUNHA, p.15).

A prostituição na história sofre modificações que refletem mudanças culturais. Na Antiguidade Ocidental estava vinculada às divindades, sobretudo à figura da mulher, pois o sexo possuía um caráter mágico cujo princípio residia no ventre da mulher (PAGLIA, 1989, p. 20). A luta pela sobrevivência estava atada às concepções religiosas, portanto a sexualidade revestia-se desse mistério que envolve a geração e a descendência humana, além de marcar lugares sociais de submissão e de poder.

Na Mesopotâmia há registros, de 2100 a 1600 aC, que apontam que entre as funções do rei, estava relacionar-se sexualmente com sacerdotisas que personificassem a deusa Astarte. O livro de Gilgamesh funda essa prática quando o herói sumério se deita com uma sacerdotisa de Uruk para capturar o monstro Enkidu. É o ato sexual que domina a besta, civilizando Enkidu. Uma série de canções celebrava esse feito, louvando as coxas frenéticas de Inanna (Astarte). Considerado fundador de um mundo civilizado, espelho do Cosmos, o sexo significava fertilidade, linhagem, mas também prazer que transcende e purifica o espírito.

No Egito evidências apontam como o faraó Quéfren prostituiu a própria filha objetivando a construção de sua pirâmide em Gizé. E essa prática não está perdida no tempo. Uma breve pesquisa no *google* com o título ‘pais prostituem filhas’ abre uma série de páginas que denunciam o comércio sexual de crianças e adolescentes por seus genitores.

Na Grécia antiga as hetairas, prostitutas versadas em línguas e hábeis musicistas e dançarinas, eram as únicas mulheres com acesso aos simpósios, os banquetes regados a vinho que podiam evoluir a um festim. As hetairas gregas possuíam um vínculo histórico com as sacerdotisas cretenses, consideradas servas de Afrodite, expressão feminina de beleza, amor e sexualidade.

Todavia foi em Roma, durante a dinastia júlio-claudiana (27 a.C.-68 d.C.), que a prostituição foi regulada através de um código que legislava do vestuário à frequência em determinados espaços públicos. Um imposto foi criado e o comércio do sexo estimulado, visando tanto **preservar** (grifo nosso) as mulheres patrícias e assim garantir a linhagem aristocrata, quanto - e não menos importante - encher os cofres públicos.

No século IV o imperador Constantino refunda o império com base no cristianismo, instituindo um novo código moral centrado no monoteísmo de base judaica. Uma nova ordem que reorganizasse o império foi necessária e uma ênfase na virgindade tornou-se marcante. O poder do falo e da materialidade é deslocado ao poder da imanência de Deus.

A derrocada oficial do Império Romano se deu em 410 dC quando os Godos invadiram e saquearam Roma. Durante essa mesma era, dois homens, Jerônimo e Agostinho formularam princípios que ainda na atualidade definem a forma como a igreja cristã encara o sexo e as sexualidades.

Agostinho é um sério caso de contradição. Na juventude ele viveu como um romano secular em meio aos prazeres eróticos que Roma oferecia. No verão de 386, aos 32 anos, após ouvir uma voz que sussurrava em latim: *tolle, lege*, abriu involuntariamente a bíblia e seus olhos teriam sido **guiados** (grifo nosso) à seguinte passagem:

*Andemos honestamente como de dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendias e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não vos preocupeis com a carne para não excitardes as suas cobiças (Romanos 13:13-14).*

Converteu-se ao cristianismo, aceitando levar uma vida monástica de celibato, mas não antes de orar a Deus e pedir “dê-me castidade, mas não ainda”. Tentou por várias vezes o celibato, mas com dificuldades que são narradas em suas *Confissões*. Em seus escritos, há uma passagem sobre sexo conjugal, quando afirma que o único sexo admissível era com o homem deitado sobre a mulher de costas e só para fins de procriação, daí surgindo a expressão sexual “papai e mamãe”. Este e outros pensamentos de Agostinho e seus contemporâneos, gradualmente solidificaram a nova ordem da Igreja Católica.

A prostituição então se tornou abominável, pois o sexo sem fins gerativos era condenado. A frase bíblica que sustentou esse novo paradigma, “crescei e multiplicai-vos!”, não era tão diferente dos ritos de fertilidades das civilizações da antiguidade. Entretanto esse princípio tornou-se generalizado além da questão da linhagem e da propriedade, com ênfase na castidade da juventude solteira e no fim procriativo do sexo como prerrogativa do casal

formado por homem e mulher. Entretanto, a frase bíblica revela quão incongruente é o celibatário dos padres da igreja católica (HEINEMANN, 1996, p. 339-343)

A figura da Virgem Maria servirá de contraponto às personagens de mulheres ativas da Bíblia, como Eva e Maria de Magdala, respectivamente do Antigo e do Novo testamento. Esses valores, na história do Ocidente, têm marcado as vidas de mulheres de modo geral. Desviantes desse ideal, as prostitutas, se não são criminalizadas pelas leis, ainda são consideradas estigmatizadas como escória por parcelas conservadoras da sociedade que tem no patriarcado sua forma padrão.

## 2 A prostituição na cidade de São Paulo

O mercado do sexo na cidade de São Paulo tem seus pontos tradicionais. Em sua maioria está localizado em bairros residenciais da alta classe média paulistana<sup>12</sup>. O volume de negócios referentes à prostituição é alto. O fluxo de profissionais do sexo e clientes é quase incessante, em um ritmo com curtas pausas, pois a fixidez do ponto é algo levado com muita seriedade. Os pontos tradicionais da prostituição em São Paulo são, segundo o site R7<sup>13</sup>, os seguintes: Zona Norte na Avenida Afonso Sampaio de Sousa, Zona Sul na Avenida Indianópolis, Zona Oeste na Avenida Valdemar Ferreira, próximo a USP, Zona Leste na Avenida Lineu de Paula Machado, em frente ao Jóquei, e Centro na Estação da Luz<sup>14</sup>.

Isso demonstra que o comércio do sexo em São Paulo é bem funcional, pois o espaço é ocupado racionalmente em função da demanda territorial. No caso da Estação da Luz, chama atenção a presença de prostitutas com idade na faixa dos 60 anos. Muitas perdem espaço nas zonas nobres e buscam **aposentadoria** (grifo nosso) no Centro da Cidade<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> Em reportagens postadas no *youtube* é frequente a reclamação de moradores desses bairros, denunciando que a prostituição acontece “em plena luz do dia”. Um dos maiores problemas, alegam, é o conseqüente aumento de casos de violência e a queda no valor do imóvel. Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=qIGFdDagbx4>. Acessado em 15 de março de 2017.

<sup>13</sup> CONHEÇA O MAPA DA PROSTITUIÇÃO EM SÃO PAULO: Prostitutas chegam a aceitar até cartão de crédito. Disponível em: <http://noticias.r7.com/são-paulo/noticias/conheça-o-mapa-da-prostituição-em-são-paulo-2012625.html>. Acessado em 18 de março de 2017.

<sup>14</sup> A localização da prostituição de rua em lugares de alta classe média permite inferir que, tal como na Roma antiga, um cartel domina o comércio de sexo em São Paulo. O cafetão geralmente está associado a um esquema maior, que tal qual o tráfico de drogas – aliado da prostituição – é comandado por setores que envolvem políticos e empresários, ou seja, tal como Roma antiga, ‘os homens de bem’ precisam manter as aparências e delegar a função de gerenciamento aos cafetões. Estes por sua vez são estreitamente vinculados ou ao narcotráfico, ou a polícia, ou a uma terceira resultante dessas, as milícias. Obtivemos informações que indicam que a circulação de dinheiro do comércio do sexo flutua entre o cliente e esses carteis. Profissionais de sexo, filhos de policiais e policiais indicaram essa prática.

<sup>15</sup> Na Luz o programa é o mais barato, custando em torno dos trinta reais, dependendo do **cardápio** (grifo nosso).

Em Indianópolis, a presença de carros importados denuncia a clientela. Ao longo da avenida e em suas transversais, uma competição instala-se entre profissionais do sexo que buscam atrair a clientela. No sentido sul, Jabaquara, as esquinas da Indianópolis é território das mulheres trans. No sentido centro as ‘meninas’ entram nesse jogo de tabuleiro. Se o movimento está fraco, as garotas tiram da bolsa um livro ou uma apostila para concursos.

A Avenida Indianópolis é bem arborizada e aparenta, durante o dia, uma tranquilidade que não denota o quanto a região é uma área de intenso comércio do sexo, confundindo-se com as demais atividades diurnas como bancos, escolas, agremiações partidárias entre outras. As mulheres em situação de prostituição ocupam tanto a avenida principal quanto suas transversais. À noite, aumenta o fluxo, ao longo da Avenida. Clientes chegam de automóvel e sondam o **programa** (grifo nosso).

Cafetões territorializam os espaços, corpos e clientes. Os pontos de prostituição apresentam mulheres de todas as regiões do Brasil, funcionando como vitrines de um sex shop. Há também uma marcação étnica especializando os territórios, por exemplo, em determinado ponto é frequente **meninas** (grifo nosso) do Nordeste e em outro há **bonecas** (grifo nosso) da Amazônia brasileira.

Esse muro invisível revela diferenças na história de vida entre garotas de programa e travestis de programa. As garotas possuem relações familiares que as faz mantenedoras da casa e muitas vezes de toda família e não é raro encontrar grupo de mulheres da mesma família se prostituindo pela Indianópolis. Esse é um dado que as diferencia dos travestis e mulheres trans, cuja maioria, perdeu quase que completamente os vínculos familiares. Nesse sentido as meninas são muito cuidadosas, pois devido aos seus vínculos familiares, temem que sua condição nas ruas se torne conhecida. Seus familiares e vizinhos acreditam que as mesmas trabalhem em “serviços domésticos, restaurantes ou lanchonetes” (CUNHA, 2014, p.57). No caso das mulheres trans, em sua maioria, os vínculos familiares são rompidos.

O comércio do sexo em Indianópolis retroalimenta um comércio paralelo de drogas ilícitas, bebidas alcoólicas e alimentos tipo *fast food*. Também não é incomum que apareçam clientes portando armas de fogo. Quando isso acontece às travestis exclamam rindo “que delícia!”. Sobre o perigo que ronda à noite paulistana, algumas mulheres trans afirmam que não saem de casa sem rezar um “*Pai Nosso*”.

No período da Copa, muitos estrangeiros circulavam pela Indianópolis. Diferente dos brasileiros, as mulheres em situação de prostituição, afirmam que os *gringos* geralmente não se importam com a condição de *meninas* ou *bonecas*. Outra diferença que

quase todas narram desse período, refere-se à economia dos estrangeiros, “os gringos são pão duros(...) os angolanos eram piores; uruguaios e argentinos, os melhores”. Sobre a faixa etária dos clientes dizem que os mais jovens, “gozam e vão embora”, diferentes dos mais velhos que “gostam de conversar”<sup>16</sup>.

Um dado curioso no caso de clientela estrangeira é o uso da portabilidade, pois as conversas são imediatamente traduzidas pelo *smarphone*. A tecnologia foi imediatamente adaptada ao comércio do sexo, sendo que além dos celulares há pontos que utilizam máquinas de cartão de crédito e de débito, o que facilita a negociação.

Se Indianópolis é **glamorosa** (grifo nosso), a madrugada no Bico do Corvo, na Baixa Augusta, nem tanto. Uma menina nos diz que há clientes que, após a esposa viajar, sobretudo no período compreendido pelas férias, “se mudam” ao motel. Relata também que nessas ocasiões, há uso de drogas e bebidas alcoólicas e não é raro que haja “festinhas”, com mais de um cliente e mais de uma profissional do sexo, sendo que a diversidade étnica de meninas é quase que uma regra bem apreciada<sup>17</sup>.

### 3 Relato da pesquisa de campo

As mulheres<sup>18</sup> que exercem a prostituição nas ruas que cortam a Avenida Indianópolis são, geralmente, pessoas originais de outros estados do Brasil, do interior do estado de São Paulo ou da grande São Paulo. A maioria das mulheres é de etnia negra ou mestiça (negra, indígena, asiática e branca), cuja faixa etária é de 25 a 50 anos. Curioso, no caso das mulheres trans é que, em sua maioria, são originais do sul do país, sendo raro encontrar entre estas quem esteja acima dos 40 anos.

Quando perguntamos na possibilidade de haver outra ocupação e renda financeira que possibilite abandonar a prostituição, elas, de início, admitem que sim. Mas logo em seguida, afirmam que a situação não é tão simples assim. Percebemos em suas falas, que devido à precocidade sexual e aos rótulos de “puta” ou “veado” que, de tão internalizados, fez-lhes perder a capacidade de se reinventar, de considerar que os abusos sexuais, físicos

---

<sup>16</sup> Esse padrão se estende tanto aos clientes brasileiros quanto aos estrangeiros. A diferença é que os clientes brasileiros usam o celular, o que indica uma escolha antecipada.

<sup>17</sup> Muitas vezes as *meninas* encontram os clientes no *happy hour* e dali “*emendam*”. No sábado a clientela de homens é diferenciada: os casados geralmente têm compromissos familiares; a clientela quase sempre se restringe a turma da pelada, homens em sua maioria solteiros, que se encontram aos finais de semana para partida de futebol.

<sup>18</sup> Quando o termo mulheres aparecer no texto indicara à soma de todas aquelas que se apresentam como mulheres, sejam estas mulheres cujo nascimento foi outorgado o sexo feminino aquelas que fizeram a transição do masculino para o feminino.

e verbais que sofreram na infância, têm muito mais a ver com seus acusadores do que com elas mesmas<sup>19</sup>.

Observamos que as mulheres são pessoas oriundas de famílias de classes sociais baixas<sup>20</sup> e muitas advindas de situação de extrema pobreza. Geralmente, são pessoas com baixo índice de escolaridade e com escassos recursos econômicos e culturais. Muitas justificam sua permanência nas ruas e a prostituição, por não terem tido a possibilidade de conseguir um emprego.

*Famílias de classe social pobre, inseridas em núcleos geográficos marginais, com escassos recursos econômicos, culturais pessoais e altos índice de desemprego, ou seja, famílias com dificuldade de sobrevivência são fatores que podem favorecer a criança e a jovem em situação limite a aprendizagem de comportamentos que marcam profundamente a infância e o desenvolvimento de sua profissionalidade” (CUNHA)*

Nas falas sobre o contexto familiar das mulheres do grupo de convivência, são comuns as lembranças de uma vida de privações materiais e os relatos de surras corretivas cometidas por pais ou por um irmão mais velho. As diferenças cada vez mais se dissipam quando falam dos abusos sexuais na infância cometidos por parentes próximos. Abusos que geraram conflitos e o distanciamento da família nuclear.

Estudos apontam que é característica da cultura brasileira a permeabilidade das religiões de matriz cristã, sobretudo pelo caráter fundante da religião católica na formação cultural brasileira.

*A família é, para diversas tradições religiosas, um locus privilegiado de transmissão e/ou socialização de valores e princípios religiosos. Como as religiões não dispõem de mecanismos coercitivos, elas instituem uma aliança com a família – fazendo a apologia desta -, que inculca em seus membros, especialmente nos das gerações sucessoras, os valores morais defendidos pelas religiões (BULSIN, 2011, p.115).*

---

<sup>19</sup> Certa vez uma das profissionais nos mostrou um jogo que se apresentava em uma planilha que determinaria o adjetivo mais adequado, e geralmente bem pejorativo, de acordo com as preferências sexuais, o ano de nascimento ou signo do zodíaco de quem joga.

<sup>20</sup> No caso das mulheres trans o que as empurrou às ruas, foi mais o preconceito enfrentado no interior das famílias e nas escolas e menos a determinação socioeconômica.

Eva 2, vinda da Bahia, cujo pai é pastor evangélico, afirma que teve dificuldades na escola e que desde cedo ficou “mal falada” em seu município de origem. Lembra com certa indignação das várias surras que seu pai lhe aplicava.

Um conflito nesse campo instala-se quando o pertencimento religioso não dá conta das escolhas individuais, sendo que o trânsito religioso promove o deslocamento do “regime de atribuição (religião da família de origem) para o regime de aquisição (religião de conversão)” (BULSIN, 2011, p. 114). A regulação da família pelas religiões promove conflitos quando lidam com sexualidades disparatadas, sobretudo quando mediada por outras instancias sociais. Eva 5, diz que aos 9 anos iniciou sua atividade sexual e lembra que os “mesmos meninos com quem eu saia eram os mesmos que me humilhavam na escola ou na rua. Aquilo era uma bagunça na minha cabeça”.

A seguir o panorama pessoal baseado em relatos de cada participante. Denominamos cada integrante do grupo de Eva e um número foi acrescido a cada uma delas.

### 3.1 Eva 1

Eva 1, trinta e dois anos, trabalha na Avenida Indianópolis há dez anos. De traços marcadamente negroides é natural de uma cidade no interior de Minas Gerais. É solteira e sem filhos. Ajuda financeiramente a família, tendo contribuindo na formação educacional da sobrinha<sup>21</sup>.

É filha de mãe solteira e nunca conheceu o pai. Foi sua irmã mais velha quem a trouxe de Minas Gerais e a introduziu no mercado do sexo. O ciclo da prostituição familiar foi quebrado pela sobrinha.

Eva 1, chega cedo ao espaço de convivência, troca de roupa, utiliza maquiagem no rosto e parte para a avenida, onde fica até o final da tarde, saindo apenas para ir aos motéis da região acompanhado por clientes. Ao final do **expediente** (grifo nosso), veste suas roupas recatadas e parte de volta à sua casa. No decorrer do processo de pesquisa de campo, Eva 1 admite que sua família era católica, todavia foi afastando-se de sua religião de origem. Na atualidade frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD.

Conta que na IURD encontrou conforto espiritual e que se sente tocada por deus nas orações e hinos. Diz também que contribui mensalmente com o dízimo, afirmando que gostaria de contribuir mais, pois tem percebido que este ato, de alguma maneira milagrosa,

---

<sup>21</sup> A sobrinha de Eva 1 graduou-se em Serviço Social no final do ano de 2016.

umenta o número de clientes. “Quanto mais pago o dizimo mais aparecem clientes [...] queria pagar mais o dizimo”.

### **3.2 Eva 2**

Natural de uma pequena cidade baiana, Eva 2 é filha de pastor evangélico e de uma dona de casa. Com uma mistura de traços indígenas e caucasianos, Eva 2 está quase sempre sorrindo. Tem trinta e oito anos, sendo quatorze deles como profissional de sexo na Indianópolis. Mãe de dois meninos, ela viu o pai das crianças ser preso e condenado a trinta anos de prisão por latrocínio. Desde então se sentiu desamparada e, com pouca escolaridade e sem qualquer formação profissional, viu a prostituição como saída imediata para prover o sustento dos filhos. Voltar à sua cidade de origem jamais esteve em seus planos.

Eva 2 afirma que não tem religião específica. Só frequenta a religião de origem quando visita a família e assiste à pregação do pai “que já está bem velhinho”. Lembra-se das surras que o mesmo aplicava nela, muitas vezes por ela cabular aulas e ir às “baladas”. Todavia, “depois de muita coisa ruim que aconteceu” começou a frequentar um terreiro de umbanda para “entender a Pombagira que me acompanha” e que “me fazia frequentar festas e tomar todas”.

Eva 2 chegou a manter um relacionamento de dois anos com um cliente<sup>22</sup>. Mas o romance acabou quando seu marido passou a ter liberdade condicional, fazendo-a optar pelo pai dos filhos. Mesmo na cadeia, o marido “nunca me desamparou”, conseguindo que um atravessador de peças furtadas, roupas e bolsas de grife, fornecesse material para que a mesma revendesse entre a vizinhança e às colegas da Indianópolis.

Afirma que a lembrança religiosa mais marcante de sua infância vem de sua avó que rezava o terço e que era referência em sua cidade de origem tanto por rezar o terço quando alguém morria quanto por benzer crianças com quebranto. Todavia, após o filho, pai de Eva 2, tornar-se crente e posteriormente pastor evangélico, a avó “largou tudo, afogando os santos nos rios”. Eva 2 acredita que Deus faz parte da vida. “É algo que está lá. Quando as coisas apertam sei que posso contar com Ele”.

### **3.3 Eva 3**

Eva 3, é natural do Maranhão. Com traços indígenas e africanos, tem trinta e seis anos e veio, aos dezessete anos, tentar a vida como doméstica em São Paulo. Todavia nunca conseguiu estabilidade em empregos. Aos vinte anos, abandonada grávida e desempregada,

---

<sup>22</sup> Chegamos a conhecer este cliente/namorado de Eva 2. O mesmo nos disse que empreendeu uma busca pela amante ideal, tendo sondado mais de 100 profissionais do sexo da Indianópolis até conhecer Eva 2.

resolveu prostituir-se. Eva 3 também tem pouca escolaridade, mas é uma pessoa observadora e possui fala bem articulada.

Não possui, em sua história na Indianópolis, um único caso onde tenha sido “adotada” por um cliente que a tratasse como favorita, apesar de ter fregueses regularmente fixos. Conta-nos da vez em que foi estuprada por um deles. Um de seus filhos é fruto desse estupro. O cliente nunca mais apareceu após Eva 3 comunicar-lhe a gravidez. Desapareceu dizendo não ter certeza ser o pai daquela criança.

Eva 3 vive com os dois meninos. Sem vínculos familiares em São Paulo e de pouquíssimas amizades, mantém os filhos presos em casa, sem contato algum com a vizinhança. Preocupa-se muito com a educação dos meninos, mantendo-os em uma escola particular com a ajuda de bolsas integrais. Essa parece ser sua maior batalha: garantir aos filhos uma educação que nunca conheceu.

Raríssimas vezes fala sobre religião, demonstrando, aparentemente, pouco ou quase nem um interesse pelo assunto. Crer ou não em um deus parece não estar na ordem de suas preocupações diárias. Eva 3, tem muitos problemas de saúde. Da última vez que nos encontramos, em agosto de 2016, ela, pela primeira vez - após esses anos em que mantivemos contato, despediu-se com um “fica com Deus!”.

### **3.4 Eva 4**

Eva 4 é natural de Sorocaba, cidade do interior de São Paulo. Tem 45 anos, sem filhos e mora sozinha em um apartamento no centro de São Paulo. Durante a semana trabalha como secretária em consultório dentário, sendo que apenas nos sábados, domingos e feriados trabalha no “pistão”<sup>23</sup>. Afirma que se prostitui para quitar o apartamento onde mora.

De traços caucasianos, Eva 4 apresenta-se sempre brincalhona. Lembra que teve infância católica e chegou a fazer a primeira comunhão. Após a morte do pai, quando tinha apenas onze anos, viu sua família desamparada. A mãe passou a lavar roupas para fora e frequentemente trazia serviço para casa, colocando Eva 4 para ajudá-la. Quando a mãe enfim arrumou novo companheiro, os problemas pioraram, pois aos treze foi estuprada pelo padrasto. Aos quinze anos resolve sair de casa e veio morar na capital paulista, onde concluiu o segundo grau. Só voltou a reencontrar com a mãe quando o segundo marido da mesma faleceu.

---

<sup>23</sup> Refere-se à pista do asfalto à calçada, onde as mulheres exercem o contato da prostituição. O termo é muito utilizado pelas travestis.

Há oito anos prostituindo-se na Avenida Indianópolis, Eva 4 lembra da vez em que foi assaltada por um cliente. O ocorrido à fez ficar “mais esperta e diferenciar um cliente de um vagabundo”. Conta-nos sobre o caso que manteve com um membro do PCC<sup>24</sup>, o qual queria tê-la com exclusividade, chegando a ameaçá-la de morte caso a visse com outro homem. Diz que gostava dele, mas por medo, resolveu abandoná-lo. Mudou de ponto e nunca mais teve notícias do mesmo.

Eva 4 afirma ser católica, mas não lembra a última vez que pisou em uma igreja. Em seu relato, afirma que frequenta um centro de Umbanda, faz oferendas e toma banho de cheiro para atrair dinheiro, afastar mal olhado e abrir caminhos. Revela que utiliza um perfume que acredita ter propriedades afrodisíacas. Quando o perfume acaba, “os clientes somem”. Foi a única do grupo a apresentar resistência a inclusão de uma mulher trans no grupo, pois segundo Eva 4, são “os veados que roubam nossos clientes. Desde que vieram pra cá, o movimento caiu”.

### 3.5 Eva 5

A única mulher trans do grupo tem vinte oito anos. É natural da cidade de Francisco Beltrão, no Paraná, e abandonou a escola antes de completar a 6ª série do ensino fundamental. Sua família nuclear pertence à igreja Assembleia de Deus. Todavia afirma que a mais de dez anos não tem notícia nem da família e nem da antiga religião.

Lembra, rindo, da vez que sua mãe lhe deu uma surra com a Bíblia. Eva 9 tinha onze anos e “adorava” usar as roupas e os calçados da mãe, desfilando pela casa. Foi em uma dessas vezes que sua mãe a surpreendeu, aplicando-lhe uma sova:

*Minha mãe odiava me ver desfilando pela casa com o salto alto. Ela dizia que eu tava com um encosto do diabo e que o diabo ia me levar em vida. Mas eu não me sentia menino, gostava desde sempre das coisas de menina... botava brinco, usava batom, ficava o dia todo na frente do espelho.*

Depois, aos treze anos, fugiu de casa, tendo se prostituído nas estradas próximas à sua cidade natal, com comerciantes e, principalmente, caminhoneiros. Aos quinze anos resolveu partir para São Paulo na boleia de um caminhão e aos 16 anos começou a se prostituir no Centro de São Paulo, sendo que aos 17 foi cafetinada e introduzida no comércio de sexo da Avenida Indianópolis. Eva 5 diz que sua família hoje é a rua.

---

<sup>24</sup> Primeiro comando da Capital, o PCC é uma organização criminal que abarca entre suas atividades o tráfico de drogas, piratarias e assaltos a joalherias, bancos e demais agências financeiras.

Eva 5 já fez algumas intervenções plásticas no corpo, além de tomar hormônios femininos. Afirma que sonhava em fazer a cirurgia de mudança de sexo, mas declinou da ideia por *medo* de perder os clientes, pois “eles vêm mesmo é em busca de pau. Aí desisti de tirar, né”.

Eventualmente Eva 5 revende drogas, pois há clientes que muitas vezes vem mais pelas drogas do que pelo sexo. Isso faz ampliar sua renda, para que talvez um dia compre seu apartamento. Ela reside com mais três travestis em uma casa no bairro Jabaquara. Afirma que um cafetão cuida dela e de mais seis travestis que se prostituem pela Avenida Indianópolis. “É ele que consegue o ponto na rua, é ele que arruma as drogas, que conhece os clientes, mas é a gente que mantém o negócio, né”, afirma com um olhar que deixa dúvidas se está defendendo ou criticando o cafetão<sup>25</sup>.

Depois de alguns meses na equipe, Eva 5 confessa que, no passado recente, tinha muitos pesadelos com o Diabo. Diz que muitas vezes sentiu que estava com o Diabo no corpo e que também ouvia vozes enquanto dormia. Resolveu frequentar o espiritismo, mas não se sentiu acolhida. Então mudou para a Umbanda, pois indica que muitas “travestis” também frequentam “terreiros”. “Desde que comecei a frequentar lá os pesadelos com o diabo acabaram. Foi um alívio”. Admite que se tornou frequentadora ativa em todas as terças-feiras, fazendo descarrego e limpando o terreiro.

### **Considerações finais**

Nestes dois anos e meio de convívio com o grupo de profissionais do sexo da Avenida Indianópolis, nossa pesquisa conclui que a religiosidade é um fator que permite essas mulheres tenham uma crença espiritual que as conforte em momentos difíceis de uma vida que em nada é fácil. O que mais nos chamou a atenção é quanto à prostituição em São Paulo do século XXI é tão próxima da prostituição da Roma antiga, como um marcador de opressão que estende à prostituição as diferenças sociais de classe, de etnia/raça e de gênero.

Chamou-nos atenção quanto a busca por uma identidade religiosa promove o trânsito religioso, sendo que quem era católica torna-se evangélica e quem era evangélica torna-se umbandista, por exemplo. Outro fator que salta nos depoimentos é quanto o tema família aparece nos relatos. Então abandonar a família e sua religião de origem é um determinante na vida de profissionais do sexo. Mas ressignificar o sentido das palavras família e religião é algo que surge em uma vida que precisa ter significados. Romper com

---

<sup>25</sup> A dúvida está para além da estrutura da frase, pois todo o rosto de Eva 5 está pesado de maquiagem. A sensação que temos é que Eva 5 vive em um mundo próprio onde a performance da rua e da prostituição esconde seus verdadeiros sentimentos, ou que estes sentimentos são confusos.

estruturas simbólicas tão profundas como religião e família nem sempre é fácil. Então por que não as reinventar, ou melhor, por que não considerar a possibilidade de negociar com os sistemas religiosos inaugurando, mesmo que sutilmente, novas perspectivas?

Os relatos de nossas informantes reforçam o princípio de quanto o Brasil é um país de matriz católica. Também é um dado importante que três das cinco profissionais do sexo desta pequena pesquisa tenham em algum momento participado de religiões pentecostais, o que evidencia que o crescimento destas na cultura religiosa brasileira é um fenômeno social e histórico.

Todavia é necessário atentar para quanto às religiões periféricas, no caso da Umbanda, tem sido um espaço de acolhimento desta parcela marginalizada da sociedade brasileira, como prostitutas e travestis. Apesar de apenas duas mulheres revelarem que frequentam assiduamente os terreiros de umbanda, as demais, em algum momento da pesquisa, citaram a Pombagira<sup>26</sup> como a personagem mística/sobrenatural mais próxima de suas vidas. A Pombagira possui características de “mulher que transgride normas, corajosa, bonita, sensual e perigosa” (CUNHA, 2014, p. 79). Ter uma “boa” Pombagira é o que muitas vezes permite às mulheres em situação de prostituição encontrar estímulos que atraia os clientes e, conseqüentemente, abasteça suas casas com o pão de cada dia, pois a Exu Mulher tem entre suas atribuições dar amor e ganhar dinheiro.

### **Referências bibliográficas**

BERGER, P. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: edições Paulinas, 1985.

BUSIN, V. M. Religião, sexualidades e gênero. *Rever – Revista de Estudos da Religião/Programas de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião – PUC/SP*. N° 11, p. 105-124, 2011.

CONHEÇA O MAPA DA PROSTITUIÇÃO EM SÃO PAULO: *Prostitutas chegam a aceitar até cartão de crédito*. Disponível em: <http://noticias.r7.com/são-paulo/noticias/conheça-o-mapa-da-prostituição-em-são-paulo-2012625.html>. Acesso em março de 2017.

---

<sup>26</sup> A Pombagira é a mais frequente representação sobrenatural nos relatos das mulheres em situação de prostituição. É uma divindade tipicamente brasileira que surge a partir de um processo de destituição das características sexuais de Iemanjá (CUNHA, 2014, p. 79/93)

CUNHA, L. A. da. *Prostituição e Religião: A trajetória religiosa de mulheres que praticam a prostituição na região de Santo Amaro – São Paulo*. Dissertação de mestrado. Programa em Ciência da Religião, São Paulo: PUC-SP, 2014.

DICIONÁRIO INFORMAL. <http://www.dicionarioinformal.com.br/cafet%C3%A3o/>. Acesso em março de 2017.

HEINEMANN, U. R. *Eunucos pelo reino de Deus: Mulheres, sexualidade e a igreja católica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

MARANHÃO FILHO, E. M. de A. Travestis em trânsito identitário: propondo um diálogo com Luiz Alberto Ribeiro. In: *Gênero feminismo e religião: sobre um campo em constituição*. ROSADO, M. J. (org) P. 223, São Paulo: Editora Garamond, 2015.

PAGLIA, C. *Personas Sexuais: De Nefertiti à Emily Dickinson*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

PROSTITUIÇÃO – PARTE 1. <https://www.youtube.com/watch?v=qIGFdDagbx4>. Acesso em março de 2017.

ROSADO, M. J.; CITELI, M. T.; MATOS, T. F. L.; ROSSI, E. Aspectos da institucionalização dos estudos de religião e de gênero no Brasil. In: *Gênero, Feminismo e Religião: sobre um campo em constituição*. ROSADO, M. J. (org). 291-306. Rio de Janeiro: Garamount, 2015.

SAKAMOTO, L; KUBIK MANO, M. (organizadores) *A quem pertence o corpo da mulher?* Fazendo Gênero X. Reportagens e ensaios – Departamento de jornalismo/PUC-SP e Repórteres do Brasil. São Paulo: Editora repórter Brasil, 2013.

SANTO AGOSTINHO, *Confissões*. São Paulo: Abril, 1973.